

MÚSICA

ROLANDO DE NASSAU

“Registros”, de Anne Schneider

(Dedicado ao leitor Hugo Carlos Cavalcanti, de Recife, PE)

Para comemorar 25 anos de carreira (1985-2010), a organista Anne Schneider disponibilizou vídeos de seu acervo pessoal para que o “Estúdio Móvel” produzisse em março de 2011 o DVD “Registros”. Anne é filha do organista e compositor luterano gaúcho Leo Schneider (1910-1978), autor de cinco oratórios (“Calvário”, 1943; “São João Batista”, 1946; “Purificação do Templo”, 1947; “Conversão de Paulo”, 1948; e “Jesus Nazareno”, 1950). Sobre Leo e Anne já publicamos dois artigos (OJB, 05 nov 06 e 06 mar 11), que demonstraram sua importante contribuição à música evangélica no Brasil.

Anne Schneider (1946-) cursou órgão na UFRGS e foi diretora do Conservatório de Música do Colégio Americano (metodista) de Porto Alegre. É organista titular da Paróquia (luterana) “Martin Luther”, coordenando séries de recitais e encontros de organistas. Há mais de 20 anos participa em festivais internacionais de órgão nas Américas e na Europa.

Neste DVD, Anne executa obras de Guilmant, Bach,

Alain, Duruflé, Saint-Saëns e **Handel Cecílio**, em órgãos de cinco igrejas. No século 20, periodicamente, a Igreja Romana reafirmou a prescrição de que a música própria da Igreja seja puramente vocal, permitindo o acompanhamento pelo órgão, desde que sustente, jamais para cobrir o canto; mas não permitindo que o órgão preceda o canto com longos prelúdios.

Na basílica (católica) de Niterói (RJ), onde ainda hoje pontifica o organista Marcello Martiniano Ferreira, Anne usou o maior órgão-de-tubos da América do Sul. Inaugurado em 15 de abril de 1956 por Fernando Germani (1906-1998), organista do Vaticano; na ocasião não pude vê-lo, porque ele estava na galeria. Possui cinco teclados manuais, cada um com 61 teclas, uma pedaleira radial com 32 notas, 11 mil tubos e 132 registros (OJB, 07 mai 89 e 24 fev 11). Em 23 de novembro de 2000, Anne tocou em outro órgão de grande porte, também de fabricação “Tamburini”, na igreja (católica) do Bom Retiro, em São Paulo (SP). Mais uma vez, do alto da sua tribuna, situada entre o céu e a terra, Anne escolheu peças de excelente nível técnico. Ela interpretou o 3º Movimento da Primeira Sonata, em ré menor, op. 42,

de Alexandre Guilmant (1837-1911). Sob a influência de César Franck (1822-1890), o “Allegro assai” apresenta um movimento de “toccata”, em oposição a um “coral” harmonizado.

Na igreja (católica) “São José”, em Porto Alegre (RS), Anne executou a “Fuga” do BWV-543, de J.S.Bach (1685-1750). Tema bem conhecido, aparentado com motivos explorados por Vivaldi e Pachelbel. Na exposição de três episódios, entram quatro vozes; no último, há uma importante parte para a pedaleira. Na peroração, pela simetria, é lembrado o prelúdio do mesmo BWV-543. As “Litanias”, ao lado das “Variações sobre um tema de Clément Janequin”, estão entre as obras mais belas de Jehan Alain (1911-1940); são súplicas ardentes, no dizer de Bernard Gavoty (ver: Jehan Alain. Paris: Albin Michel, 1943).

A “Fuga sobre o nome de Alain”, op. 7, de Maurice Duruflé (1902-1986), revela a tradição litúrgica (amor ao Canto Gregoriano) e a tradição estética (respeito à formação clássica) mantidas por ele numa obra sucinta, da qual emergem o “Requiem” (1947) e a “Missa Cum Jubilo” (1967). “Tollite Hostias”, de Camille Saint-Saëns (1835-1921), é a décima

e última parte do “Oratório de Natal”. Sua bela linguagem musical, apesar de servir para mitigar suas profissões de ateísmo, corrobora nossa afirmação de que nem toda música religiosa é sacra. Na década de 50, o Coro da ACE do Rio de Janeiro tinha em seu repertório essa página de Saint-Saëns, provavelmente traduzida por Heitor Argolo (1923-2008). Esse número contou com a participação do Coral “25 de julho”, regido pela maestrina Lúcia Teixeira.

Nas paróquias luteranas da Alemanha, o órgão muito depressa foi reduzido ao papel de simples acompanhador, mas na região alsaciana de Estrasburgo, sob a influência de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) e de Albert Schweitzer (1875-1965), o canto e o órgão passaram a ser igualmente prestigiados. Mozart, em outubro de 1778, esteve em Estrasburgo; em duas igrejas tocou órgãos de Gottfried Silbermann (1683-1753). Schweitzer, em 1906, começou um movimento pela volta à tecnologia da construção de órgãos adotada no tempo de Bach (ver: Marie-Louise Girod, L’Orgue et le Protestantisme. Paris: 1950).

Na igreja (luterana) “Martin Luther”, Anne tocou no órgão

“Rieger”, Opus 2.733, o prelúdio do BWV-543, de Bach, quando aconteceu um desfile de fórmulas de “toccata” e de improvisações articuladas, terminando num diálogo entre pedaleira e teclados, e a “**Fanfarra Real**”, de **Handel Cecílio**, que tínhamos ouvido por ocasião da inauguração do órgão digital da Igreja Memorial Batista.

O Coral “25 de julho”, acompanhado por orquestra regida pelo maestro Manfredo Schmiedt e pelo órgão de Anne Schneider, na igreja (luterana) da Reconciliação, em Porto Alegre (RS), executou a versão com órgão da “Lux Aeterna”, do “Requiem”, de Duruflé. Schmiedt tem atuado com orquestras de Caxias do Sul e de Porto Alegre (RS); foi aluno de Eleazar de Carvalho, Emílio de César e Lutero Rodrigues.

Finalmente, na igreja (luterana) da Trindade, em Ivoti (RS), Anne e a violinista Hella Frank tocaram a “Ária da quarta corda” (BWV-1.068), de Bach. Hella está vinculada às orquestras de câmara em Canoas e em Porto Alegre (RS).

Aos apreciadores do “rei dos instrumentos” (o órgão, na opinião de Mozart) recomendamos este DVD de Anne Schneider.